

O HORTO MEDICINAL COMO ESPAÇO PEDAGÓGICO: SABERES TRADICIONAIS E INTERDISCIPLINARIDADE NA ESCOLA

Maria Lucileide Costa Duarte¹;

¹Instituto Federal de Educação do Ceará IFCE, Crato, Ceará.

<http://lattes.cnpq.br/8024394159102408>

Walter Santos Evangelista Júnior²;

²Universidade Federal Rural de Pernambuco-UFRPE Recife, Pernambuco.

<http://lattes.cnpq.br/6728342264331935>

Francinete Francis Lacerda³.

³Universidade Federal Rural de Pernambuco-UFRPE Recife, Pernambuco.

<http://lattes.cnpq.br/8295605388508449>

RESUMO: Este estudo consiste em uma revisão integrativa da literatura que objetiva analisar as contribuições da implantação de hortos medicinais no contexto escolar brasileiro. A investigação fundamenta-se na premissa da educação ambiental crítica e na superação da “educação bancária”, buscando compreender o horto como um laboratório vivo. A coleta de dados foi realizada no Portal de Periódicos da CAPES, em fevereiro de 2026, utilizando as palavras-chave “horto medicinal” AND “escola”, resultando na seleção de oito artigos publicados entre 2014 e 2022. Os resultados foram organizados em quatro categorias analíticas: o horto como espaço pedagógico, interdisciplinaridade, resgate de saberes tradicionais e sustentabilidade. As evidências demonstram que o horto medicinal é um instrumento eficaz para a articulação entre teoria e prática, promovendo a construção coletiva do conhecimento e o fortalecimento dos vínculos entre escola e comunidade. Conclui-se que, embora o horto potencialize práticas educativas integradoras e a valorização da biodiversidade, há necessidade de estudos que aprofundem as estratégias de manutenção e sustentabilidade institucional desses projetos a longo prazo.

PALAVRAS-CHAVE: Horto medicinal. Educação Ambiental. Interdisciplinaridade.

“THE MEDICINAL GARDEN AS A PEDAGOGICAL SPACE: TRADITIONAL KNOWLEDGE AND INTERDISCIPLINARITY AT SCHOOL”

ABSTRACT: This study consists of an integrative literature review that aims to analyze the contributions of implementing medicinal gardens in the Brazilian school context. The investigation is grounded on the premise of critical environmental education and overcoming the “banking education” model, seeking to understand the garden as a living laboratory. Data collection was carried out in the CAPES Periodicals Portal in February 2026, using the keywords “medicinal garden” AND “school”, resulting in the selection of eight articles published between 2014 and 2022. The results were organized into four analytical categories: the garden as a pedagogical space, interdisciplinarity, recovery of traditional knowledge, and sustainability. The evidence demonstrates that the medicinal garden is an effective tool for articulating theory and practice, promoting the collective construction of knowledge and strengthening the bonds between school and community. It is concluded that, although the garden enhances integrative educational practices and the valorization of biodiversity, further studies are needed to deepen the strategies for maintenance and institutional sustainability of such projects in the long term.

KEY-WORDS: Medicinal plant garden. Environmental education. Interdisciplinarity.

INTRODUÇÃO

A educação contemporânea, amparada pela Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA - Lei nº 9.795/1999), transcende a transmissão de conteúdos, consolidando-se como uma prática social voltada ao desenvolvimento integral do ser humano e de suas potencialidades. Nesse cenário, a escola deixa de ser um espaço isolado para se tornar um ambiente de investigação contínua e reflexão sobre anseios coletivos (DIAS, 2023). Entretanto, observa-se ainda um desafio latente no ensino formal: a fragmentação do conhecimento científico, na maioria das vezes desconectado da realidade cotidiana dos estudantes.

Diante dessa lacuna pedagógica, surge a necessidade de estratégias que articulem a agroecologia e a valorização cultural no processo de ensino-aprendizagem. Os hortos de plantas medicinais em instituições de ensino apresentam-se como laboratórios vivos de grande valia, pois funcionam como um elo entre a ciência botânica e a prática experimental. Mais do que canteiros de cultivo, esses espaços propiciam o fortalecimento do diálogo entre a academia e os saberes populares, permitindo que a escola resgate conhecimentos ancestrais transmitidos entre gerações.

Sob esse aspecto, o horto medicinal rompe com o modelo de “educação bancária” criticado por Paulo Freire (Freire, 1987). Ele estabelece um espaço de aprendizagem horizontalizada, onde professores e alunos dialogam e constroem conhecimento

coletivamente a partir do manuseio da terra e do estudo das propriedades terapêuticas da biodiversidade local. Essa vivência é fundamental para a formação de uma consciência ambiental crítica, transformadora e verdadeiramente comprometida com a sustentabilidade.

Nesse contexto, o presente estudo investiga quais são as contribuições e impactos reais da implantação desses hortos no cenário escolar. A análise busca compreender como essa prática potencializa a interdisciplinaridade superando a divisão estanque entre disciplinas e como pode sensibilizar a comunidade para uma relação mais harmoniosa entre o homem e a natureza.

OBJETIVO

Analisar, por meio de uma revisão integrativa, o impacto da implantação de hortos de plantas medicinais no contexto escolar, identificando suas contribuições para o processo de ensino-aprendizagem, para a promoção da interdisciplinaridade, para o resgate dos saberes tradicionais e para o fortalecimento da educação ambiental e da sustentabilidade.

METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma revisão integrativa da literatura, método que permite a busca, a avaliação crítica e a síntese de evidências disponíveis sobre um tema específico, proporcionando uma compreensão abrangente do fenômeno investigado (Botelho; Cunha; Macedo, 2011). Para a construção desta revisão, o percurso metodológico foi estruturado em seis etapas: 1) elaboração da pergunta norteadora; 2) busca na literatura e estabelecimento de critérios de inclusão/exclusão; 3) coleta de dados; 4) análise crítica dos estudos incluídos; 5) discussão dos resultados e 6) apresentação da síntese do conhecimento. A questão norteadora definida para o estudo foi: “Quais as contribuições e impactos pedagógicos da implantação de hortos medicinais no ambiente escolar relatados na literatura científica brasileira?”

A busca pelas informações foi realizada no mês de fevereiro de 2026, via Portal de Periódicos da CAPES por ser de enorme relevância acadêmica. Utilizou-se a estratégia de busca booleana com as palavras-chaves: “horto medicinal” and “escola”. Como critérios de inclusão, definiram-se: artigos completos disponíveis na íntegra, publicados em português, no recorte temporal de 2014 a 2022, que abordassem experiências práticas ou teóricas de hortos medicinais especificamente no contexto da educação básica e/ou técnica. Foram excluídos: teses, dissertações, artigos duplicados e estudos que tratavam de hortas exclusivamente de hortaliças (sem foco em plantas medicinais) ou em contextos fora do ambiente escolar (ex: hortos comunitários urbanos sem vínculo pedagógico).

O processo de seleção ocorreu em três fases:

1. Identificação: A busca inicial resultou em 11 publicações.

2. Triagem: Após leitura de títulos e resumos, excluiu-se 1 artigo duplicado e 2 artigos que não atendiam ao escopo temático (foco em botânica sistemática pura, sem aplicação pedagógica).
3. Inclusão: Restaram 8 artigos que foram lidos na íntegra e compuseram o *corpus* final da análise.

Os dados extraídos foram organizados em um quadro síntese (Quadro 1) e analisados por meio de categorização temática, resultando nas quatro categorias analíticas discutidas a seguir: Construção do horto como espaço pedagógico; Interdisciplinaridade; Educação Ambiental e Sustentabilidade e Resgate do conhecimento ancestral.

Quadro 1. Distribuição dos artigos selecionados, conforme Autor/ano, Tipo de estudo/ Revista., Local e população e principais resultados.

Autor/ano	Tipo de estudo/ Revista.	Local e população	Principais resultados
Bruno Esteves Conde; Andréa Esteves Martins; Amanda Surerus Fonseca-2014	Estudo Qualitativo. Revbea, São Paulo, V. 9, No 1:116-131, 2014.	Escola Estadual Mercedes Nery Machado, Juiz de Fora – MG. Participantes: 354 alunos, 420 pais e 34 professores, totalizando 808 participantes..	As ferramentas da Etnofarmacologia foram potencialmente efetivas quando relacionadas à Educação Ambiental; Coincidência entre as plantas do conhecimento cultural das famílias dos alunos, já que nove das 22 espécies identificadas, foram confirmadas diante das recomendações da Anvisa – RDC nº10.
Eléia Righi, Raquel de Jesus Motta Velasquez, Bruna Bento Drawanz, Betina Magalhães Bittencourt, Luidi Eric Guimarães Antunes-2022	Pesquisa exploratória, um estudo de caso. Revista Research, Society and Development, v.11, n.16, 2022.	Instituto Estadual de Educação Cristóvão de Mendoza, Caxias do Sul – RS, em parceria com a UERGS. Participação de estudantes, professores e funcionários.	Implantação de uma horta orgânica com hortaliças, plantas medicinais, frutíferas e plantio agrícola. Criação do “Relógio do Corpo Humano” com 12 canteiros de plantas medicinais. Desenvolvimento de ações comunitárias, promoção da educação ambiental e envolvimento da comunidade nas atividades do projeto.
Aniele da Silva Silveira, Aidraiane Ferreira dos Santos, Iva de Jesus Santos, Maria Ângela Avelina da Silva e Rosevânia Bezerra- 2018	Relato de experiência Revista Revise, Vol 3, nº fluo contínuo, p.138 a 142-	Escola Família Agrícola do Sertão – EFASE, Monte Santo – BA. Participação de discentes, docentes, técnicos e cozinheiras.	Implantação de mandala de plantas medicinais com ervas. Realização de oficinas de produção de chás, pomadas e tinturas. Estímulo ao manejo agroecológico pelos jovens e valorização do conhecimento tradicional.

Stephanny Ingrid Nunes Pereira, André Luiz da Silva Lima Júnior, Letícia Almeida Barbosa, Ítalo Cristian Silva Oliveira, Vera Lúcia Neves Dias Nunes e Ivaneide Oliveira Nascimento. Ano: 2021	Abordagem qualiquantitativa. Investigação realizada por meio de questionários padronizados, oficinas pedagógicas e implantação prática de um horto. Revista: Brazilian Journal of Development (BJD).	Escola Municipal Renato Cortez Moreira, Imperatriz – MA. Participação de alunos do 6º ao 9º ano e 17 professores.	Identificação de dificuldades dos docentes para trabalharem o tema meio ambiente nas disciplinas. A implantação do horto medicinal articulou teoria e prática e favoreceu a troca de saberes entre alunos.
Maria de Fátima Santos e Pietro Iori, 2017	Estudo de revisão bibliográfica. Conexão Ci. Formiga/MG. Vol.12, p.132-138, 2017.	Revisão baseada em produções científicas sobre o uso de plantas medicinais no contexto escolar.	A horta favorece o desenvolvimento cognitivo de forma lúdica e o trabalho em grupo; apresenta noções de saúde, ensina a conservar o ecossistema, desenvolve a reeducação alimentar ao ser transmitido aos alunos mediante técnicas interdisciplinares. O uso de plantas medicinais no contexto escolar favorece a valorização dos saberes tradicionais, fortalece a relação entre escola e comunidade, contribui para práticas pedagógicas interdisciplinares e promove a conscientização ambiental.
Elisandra Brizolla de Oliveira, Biagio Sartori Sampaio, Amabele Figueiredo Gomes Borges, Franklin Noel dos Santos-2020	Pesquisa-ação, com abordagem qualitativa e quantitativa. Revista: Kiri-kerê: Pesquisa em Ensino (ISSN: 2446-4775), n.9, dez. 2020	Escola Estadual de Pinheiros – ES. Participação de estudantes do 3º ano do Ensino Médio e suas famílias.	Boldo, erva-cidreira e erva-doce são mais utilizados preponderando o uso em forma de chá. O conhecimento das plantas medicinais é transmitido principalmente pelos avós. Foi construído um horto suspenso a partir de materiais recicláveis, favorecendo o plantio e a identificação taxonômica das espécies. A ação envolveu as disciplinas de Biologia, Química, Física e Arte. A Contextualização de conteúdos aproximou a teoria com a realidade dos discentes. Os alunos participaram ativamente de todas as etapas o que resultou na assimilação dos conceitos e maior interesse pelas disciplinas.

Debora Kéli Freitas de Melo; Fernanda Kunz Griebeler; Gabriela Lino Kleinubing e Cleusa Inês Ziesmann-2017	Relato de experiência. Atividade de estágio supervisionado do curso de Física-UFFSR Revista Caminho Aberto. Ano 4/ nº 7/dezembro 2017	Escola Municipal Princesa Isabel, Rolador – RS. Alunos do ensino fundamental e professores.	Participação dos alunos nas atividades de construção do horto medicinal no projeto. Foram trabalhados conceitos sobre as práticas da reciclagem e reutilização dos materiais, trabalho em grupo, organização, questões ecológicas e alimentação saudável.
Illana da Silva Oliveira; Élica Batista Vieira Sousa Cavalcanti; Maria Layza Sousa Brito; Maria Vitória Alves de Souza Rangel Nascimento, Alesn Pereira de Sousa, Maria Denise Leite Ferreira-2021.	Relato de experiência. Abordagem qualitativa.	Fazenda Escola das Faculdades Nova Esperança. Público: estudantes, gestantes, idosos e usuários de UBS.	O aumento do interesse e o fortalecimento da consciência dos estudantes acerca da importância das plantas medicinais. Nas visitas educativas às gestantes e idosos foi observado o grande interesse por parte dos ouvintes. A implantação do horto foi um incentivo para escolas, universidades e UBS.

Fonte: Elaboração da autora`

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os oito artigos publicados estão escritos em língua portuguesa. No tocante às abordagens, dois artigos são quali-quantitativos, três são relatos de experiência, um é revisão bibliográfica, um consiste em estudo de caso e apenas um apresenta abordagem qualitativa, todos com marco temporal entre 2014 e 2022.

No que diz respeito à categoria **Construção de horto ou espaço pedagógico**, na pesquisa de Oliveira *et al.* (2020), verificou-se que o horto medicinal pode ser compreendido como um espaço pedagógico, pois nas disciplinas da área das ciências da natureza e da arte foi possível que professores e alunos identificassem a taxonomia das espécies, suas características morfológicas, genéticas e evolutivas. Conde, Martins e Fonseca (2014), também perceberam que o horto medicinal aproxima o conhecimento teórico, trabalhado nas disciplinas, diversificando o conhecimento entre os alunos. Esse resultado converge com o observado nos estudos de Pereira *et al.* (2021), nos quais a implantação do horto favoreceu a troca de informações e saberes entre os discentes.

Nessa perspectiva, os hortos de plantas medicinais podem ser compreendidos como espaços educativos não formais, constituindo-se como instrumentos de ampliação das estratégias pedagógicas da escola, na medida em que possibilitam outras formas de ensinar e aprender, nas quais professores e alunos constroem conhecimentos de forma coletiva. Essa compreensão contrapõe-se à chamada educação bancária, mencionada por

Freire (1987), na qual os educandos são levados apenas à memorização de conteúdos transmitidos pelo educador, transformando a educação em um ato de depositar, “em que os educandos são os depósitos e o educador o depositante” (Freire, 1987, p. 33). Nessa mesma linha de pensamento, Gadotti (2000) ao discutir ecopedagogia defende a ideia de que o conhecimento não se constrói somente em sala de aula, mas também em ambientes, nos quais as ações são experienciadas e o conhecimento é construído coletivamente.

Oliveira *et al.* (2021), também apontam o papel do horto de plantas medicinais na Fazenda Escola das Faculdades Nova Esperança, evidenciando que o espaço vem sendo utilizado como instrumento de aprendizagem na formação dos estudantes e que a implantação do horto serviu de incentivo para escolas, universidades e Unidades Básicas de Saúde-UBS. De maneira semelhante, Righi *et al.* (2022), assinalam que as hortas ambientais de cunho pedagógico funcionam como um eixo organizador do processo educativo, promovendo o estudo e a integração sistemática de ciclos, processos e dinâmicas de fenômenos naturais. Ademais, Silveira *et al.* (2018), indicam em seus estudos, a importância das oficinas pedagógicas como uma das ferramentas educativas desenvolvidas a partir do horto, com a plantação de diversas ervas em uma mandala em formato de uma espiral, atividade que despertou o interesse dos jovens pelas aplicações terapêuticas das plantas e pelo manejo agroecológico.

Há de se concordar que o processo de ensinar e aprender vivido em um horto de plantas medicinais, naturalmente exige o conhecimento interdisciplinar. Assim, na **categoria Interdisciplinaridade no processo ensino-aprendizagem**, Conde, Martins e Fonseca (2014), em seu estudo, identificaram que os professores de Geografia, Artes, Ciências Naturais e Matemática utilizaram o horto medicinal como recurso no âmbito escolar, o que possibilitou a articulação entre teoria e prática, favorecendo a interdisciplinaridade dos conteúdos escolares, além de aproximar cultura e ciência.

De forma análoga, Righi *et al.* (2022), identificaram no projeto de horta orgânica na escola -dividida entre canteiros de ervas medicinais, pomar, roça, jardim e cactário- a utilização de metodologias integrativas, que conseguiram envolver a comunidade escolar em atividades de plantio e manutenção, promovendo a interdisciplinaridade transpondo a fragmentação do conhecimento organizado em disciplinas curriculares estanques, com vistas à compreensão da biodiversidade e à promoção da educação ambiental. Santos e Iori (2017) verificaram também que a horta com plantas medicinais contribui para práticas pedagógicas interdisciplinares e para a conscientização ambiental.

Nesse cenário, Thiesen (2008), assinala que a interdisciplinaridade se situa no campo onde se torna possível superar a fragmentação das ciências e de tudo aquilo que é produzido por elas expressando-se simultaneamente, como resistência ao saber compartimentado. Para o autor, tanto na sala de aula quanto em qualquer outro espaço de aprendizagem, várias relações se estabelecem no processo de construção e organização do conhecimento, envolvendo professores, estudantes e o objeto de estudo. O autor,

destaca que o enfoque interdisciplinar consegue aproximar o indivíduo da sua realidade, ajuda os educandos a compreenderem as complexas redes conceituais e possibilita maior significado e sentido aos conteúdos da aprendizagem, contribuindo para uma formação mais consistente e responsável. Todavia, chama a atenção ao referir-se que “os desafios para a superação do referencial dicotomizador e parcelado na reconstrução e socialização do conhecimento que orienta a prática dos educadores ainda são enormes.” (p.550).

Esse entendimento, também se confirma nos achados de Oliveira *et al.* (2020), ao referirem a construção de um horto medicinal suspenso feito com materiais recicláveis, o que favoreceu o plantio e a identificação taxonômica das espécies, além do envolvimento das disciplinas de Biologia, Química, Física e Arte nesse processo. Essa experiência, permitiu a contextualização dos conteúdos escolares aproximando teoria e prática na formação dos estudantes.

De forma correspondente, Melo *et al.* (2017), em seu estudo, perceberam que a implantação do horto medicinal possibilitou o desenvolvimento de várias atividades interdisciplinares, integrando a teoria e a prática de maneira contextualizada na dinâmica escolar.

Essas experiências interdisciplinares são relevantes, em virtude de estabelecerem uma relação entre o saber acadêmico de cada disciplina e o cotidiano dos sujeitos resultando também em um diálogo que se elencou como a categoria **do resgate do conhecimento tradicional**.

No tocante a essa categoria, Oliveira *et al.* (2020), identificaram algumas plantas medicinais que têm maior consumo pelas famílias, tais como Boldo (*Peumus boldus*), Capim da Lapa (*Cymbopogon citratus*), Erva-cidreira (*Melissa officinalis*) e Erva-doce (*Pimpinella anisum*), sendo o chá a forma de preparo predominante e a disseminação do conhecimento dessas plantas acontece através dos ancestrais.

Nesse sentido, é importante ressaltar a contribuição de Diegues (2000), quando menciona as culturas tradicionais apresentando seus sistemas de manejo dos recursos naturais, os quais respeitam os ciclos naturais e limitam sua exploração à capacidade de recuperação dos ecossistemas. São sistemas que revelam a complexidade de conhecimentos adquiridos através dos ancestrais, dos mitos e símbolos que primam pela manutenção e uso sustentável dos ecossistemas naturais. Semelhança também, encontra-se em Toledo e Barrera-Bassols (2015), quando destacam que as sociedades tradicionais contêm um vasto conhecimento ecológico que geralmente é local, coletivo, diacrônico, sincrético, dinâmico e holístico e que é transmitido de geração a geração, a partir da interação histórica entre comunidades e natureza.

Nesse aspecto, Conde *et al.* (2014), observaram em seu estudo que, a partir da Etnofarmacologia, o horto medicinal propiciou aos alunos o reconhecimento dos valores culturais ao contextualizá-los com os locais onde residem. Santos & Iori, (2017), em sua pesquisa, mostram que o projeto de horta e a pesquisa etnobotânica proporcionaram aos

alunos uma nova vertente para estimular a valorização dos saberes tradicionais e a proteção do meio ambiente. Para Righi *et al.* (2022), os canteiros em formato de relógio humano das ervas medicinais, no projeto de horta orgânica na escola, possibilitaram resgatar e valorizar o conhecimento sobre as espécies e seu uso humano, bem como seu cultivo, proteção e propagação.

Silveira *et al.* (2018), apresentam, em sua pesquisa, o horto medicinal como um espaço de resgate da cultura tradicional no cultivo e uso das plantas medicinais para tratar e curar enfermidades, apontando que o diálogo com os jovens, especialmente da zona rural, precisa conhecer e reconhecer essa cultura tradicional. Isso se materializa na plantação de diversas ervas em uma mandala em espiral, na realização de oficinas de produção de chás, pomadas e tinturas e no interesse dos jovens por aplicações terapêuticas e manejo agroecológico.

Há de se convir que todas essas categorias conversam entre si, tanto que na **categoria Educação Ambiental e Sustentabilidade**, Righi *et al.* (2022), esclarecem que, por motivo das condições da região de Caxias do Sul, foi colocado um sombrite sobre a horta escolar em algumas áreas cultivadas, a irrigação é realizada com água de poço artesiano, adubo orgânico doado, correção do solo por meio da calagem, demonstrando práticas sustentáveis. O perfil do projeto de hortas orgânicas, incluindo-se aqui as plantas medicinais, promove a sensibilização da comunidade escolar em relação às plantas e com o meio ambiente. Essas atitudes representam, na prática, a adoção de princípios agroecológicos que, no pensar de Caporal, Costabeber e Paulus (2006), a agroecologia, por ter um perfil de ciência com caráter holístico, é capaz de valorizar e se apropriar de saberes e experiências tradicionais, reconhecendo o potencial das comunidades locais. Altieri (2012) dialoga com esse autor ao destacar que o manejo tradicional da agricultura desenvolvido pelos povos tradicionais, promove a preservação da biodiversidade compondo a cultura dessas comunidades.

Vale lembrar que esse saber tradicional contribui para a etnofarmacologia, tanto que Conde, Martins e Fonseca (2014), mostraram que os professores avaliaram de forma positiva as ferramentas utilizadas por ela quando foram relacionadas à Educação Ambiental, servindo também como alternativa metodológica para o ensino de Ciências, bem como para disseminar a educação ambiental para a conservação da biodiversidade. Como declara Jacob (2003), a sustentabilidade estimula um pensar e fazer acerca da questão ambiental articulado ao diálogo entre saberes, à participação, à ética como valores essenciais para fortalecer a convivência entre o homem e a natureza. O autor acrescenta ainda, “o papel dos professores(as) é essencial para impulsionar as transformações de uma educação que assume um compromisso com a formação de valores de sustentabilidade, como parte de um processo coletivo”(p.204).

Convém mencionar quão significativo é o compromisso cidadão dos professores diante de uma educação transformadora. Citando o caso do horto medicinal, quantos ensinamentos e aprendizados podem acontecer que modificam o pensar e agir dos

discentes. Conforme Santos e Iori (2017), a implantação de hortas no ambiente escolar, além de difundir a prática do cultivo de plantas, apresenta noções de saúde por meio do uso de medicamentos naturais, ensina a conservar o ecossistema e desenvolve a reeducação alimentar ao ser transmitida aos alunos mediante técnicas interdisciplinares. Sob esse ponto de vista, a implantação de um horto medicinal contribui para o elo entre conhecimento popular e científico, produzindo troca de saberes entre os sujeitos de um território, além de promover o uso seguro e racional de plantas medicinais, além de suscitar reflexão acerca de práticas alternativas, uso seguro desse material e a promoção da saúde para aqueles que fazem seu uso (Oliveira *et al.*, 2021).

Em suma, os estudos analisados mostram que a implantação de hortos de plantas medicinais em instituições de ensino possui um enorme valor para a ampliação das práticas pedagógicas, contribuindo para a interdisciplinaridade, o resgate dos saberes ancestrais e a promoção da educação ambiental e sustentabilidade. Ademais, esses espaços possibilitam o elo entre conhecimento científico e saber popular, fortalecendo processos educativos que envolvam o cotidiano dos indivíduos e de sua participação, tornando-os pessoas ativas na construção do conhecimento coletivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão realizada permitiu concluir que a implantação de hortos de plantas medicinais no contexto escolar transcende a criação de um espaço de cultivo, apenas. Ele se mostra como um dispositivo pedagógico potente, capaz de materializar a interdisciplinaridade e promover o conhecimento científico de forma contextualizada. Os estudos analisados demonstraram que, ao unir o saber popular ao conhecimento botânico e farmacológico, a escola cumpre seu papel social de valorização cultural e proteção da biodiversidade.

Ficou evidenciado que o horto atua como um catalisador da educação ambiental crítica, pois retira o aluno da posição de espectador passivo e o coloca como protagonista no manejo da terra e na compreensão dos ciclos naturais. Além disso, a estratégia de envolver a comunidade (pais e técnicos) fortalece o vínculo entre a instituição de ensino e o território onde ela se insere, combatendo a fragmentação do conhecimento denunciada por Freire.

No entanto, este estudo também identificou lacunas que merecem atenção em pesquisas futuras. Notou-se uma carência de dados sobre a continuidade e manutenção desses projetos a longo prazo, especialmente durante os períodos de férias escolares ou transição de gestores. Portanto, recomenda-se que novos estudos investiguem estratégias de gestão participativa e a criação de protocolos que garantam a sustentabilidade institucional dos hortos.

Em síntese, o horto medicinal não é apenas uma ferramenta auxiliar, mas um eixo estruturante para uma educação que preza pela saúde, pela ética socioambiental e pela

formação de cidadãos conscientes de seu papel na preservação da vida, como um todo.

REFERÊNCIAS

ALTIERI, Miguel A. **Agroecologia**: bases científicas para uma agricultura sustentável. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

BRASIL. Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 28 abr. 1999.

BOTELHO, Louise Lira Roedel; CUNHA, Cristiano José Castro de Almeida; MACEDO, Marcelo. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. **Gestão e Sociedade**, Belo Horizonte, v. 5, n. 11, p. 121-136, 2011.

CONDE, Bruno Esteves; MARTINS, Andréa Esteves; FONSECA, Amanda Surerus. O horto de plantas medicinais como recurso pedagógico na Educação Ambiental: um estudo de caso. **Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA)**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 116-131, 2014.

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio; PAULUS, Gervásio. **Agroecologia**: matriz disciplinar ou novo paradigma para o desenvolvimento rural sustentável. 2006. Disponível em: <http://biblioteca.emater.tcche.br:8080/pergamumweb/vinculos/000005/000005f5.pdf>. Acesso em: 31 out. 2025.

DIAS, Érika. A educação e a escola. Para que servem as escolas? **Ensaio**: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, Rio de Janeiro, v. 31, n. 120, p. 621-629, jul./set. 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/g96pfWK6JM8KrvMdN3TKHGGQ/?lang=pt>. Acesso em: 1 abr. 2026.

DIEGUES, Antonio Carlos. **O mito moderno da natureza intocada**. 6. ed. rev. ampl. São Paulo: Hucitec: Nupaub, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Terra**. 3. ed. São Paulo: Fundação Peirópolis, 2000.

JACOBI, Pedro. Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade. **Cadernos de Pesquisa**, n. 118, p. 189-205, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/kJbkFbyJtmCrfTm-fHxktgnt/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 7 mar. 2026.

OLIVEIRA, Bruna Santos *et al.* Horta medicinal na saúde da família: resgatando saberes e sentidos das plantas medicinais – relato de experiência. **Comunicação em Ciências da Saúde**, v. 32, n. 1, p. 141-146, 2021. Disponível em: <https://docs.bvsalud.org/bibliore-f/2022/03/1357995/641-final.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2026.

RIGHI, Eléia *et al.* Implantação de horta orgânica e relógio do corpo humano em escola estadual: um relato de experiência. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 16,

e258111637952, 2022.

SILVEIRA, Aniele da Silva *et al.* Implantação de horto de plantas medicinais na Escola Família Agrícola do Sertão (EFASE). **Revista REVERSE**, v. 3, p. 138-142, 2018.

THIESEN, Juarez da Silva. A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem. **Revista Brasileira de Educação**, v. 13, n. 39, p. 545-554, set./dez. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/swDcnzst9SVpJvpx6tGYm-Fr/?lang=pt>. Acesso em: 5 mar. 2026.

TOLEDO, Victor Manuel; BARREIRA-BASSOLS, Narciso. A etnoecologia: uma ciência pós-normal que estuda as sabedorias tradicionais. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba: Editora UFPR, n. 20, p. 31-45, jul./dez. 2009.